

7 OUT 1987

Nada ainda certo

Existem duas tendências em jogo no Palácio do Planalto, em face do discurso que o presidente Sarney fará esta noite à Nação: a primeira é a de que o Chefe do Governo deve se pronunciar com ênfase e afirmação, em tom inflexível e duro, e logo a seguir, antes mesmo de acabada a semana, anunciar seu novo Ministério com base nos reflexos captados pelo Governo do apoio dado ao posicionamento presidencial; a segunda tendência é a de que o discurso seja feito mas sem produzir de imediato as consequências de uma reforma ministerial globalizante.

Os defensores dessa segunda opção preferem que o presidente Sarney faça antes a colheita de assinaturas para ver até onde chega o nível de adesão à sua proposta. Enxergado esse horizonte, fará uma reforma **pari passu** com o que a Constituinte for decidindo em matéria de mandato presidencial e sistema de governo.

Entre as duas alternativas se debaterá até momentos antes de gravar o discurso a alma indecisa do presidente Sarney, que não tem o gosto de sacrificar amigos, mesmo quando se trata de ministros erráticos. O Presidente mais uma vez preferiria conciliar os extremos, dando seqüência ao andamento lento e desbotado da transição. Sarney como que legitima a situação de fato pelo desaparecimento de Tancredo Neves, que conhecia perfeitamente as manhas de Ulysses Guimarães, com ela tra-

vando um duelo de cinquenta anos de lances de memorável e recíproca astúcia. Hoje, cada vez que o Presidente quer "rachar" o PMDB, ou executar um lance magistral no tabuleiro político, encontra no outro lado da mesa um Ulysses que volta a brilhar em cada partida disputada e ganha. É um problema antes de tudo gerencial, que a transição uma temporada preserva para o presidente — 56 anos, e um caráter udenista —, contra 71 anos, e uma alma arraigadamente pessedista.

E com essa alma, porém, que Sarney terá de se envolver para garantir um mínimo de estabilidade ao seu governo. A não ser que deseje a grande saída de convocar eleições para 88, atendendo ao grande apelo popular pelo voto — a concessão ao PMDB será um contrato escritural de negativismos e adiamento de uma crise de autoridade subjacente a um poder que só pode se afirmar pela coragem cívica, jamais pela coragem física.

Quanto ao PFL, sua posição é de aguardar: 1) o discurso presidencial; 2) a reunião da Comissão Executiva Nacional, de amanhã. Ontem, na hora do almoço, o ministro Aureliano Chaves e o senador Marco Maciel longamente repassaram o documento redigido pelos deputados mais insatisfeitos do partido. Fizeram cortes e acréscimos. O momento é mais de cortar: relações com o Governo por exemplo.